

Nos países do primeiro mundo sábios como Nunes Pereira são acumulados de prêmios e honrarias; universidades disputam a honra de servir-lhes de residência. Aqui, pra começo de conversa, poucos sabem quem é este homem que dedicou 40 anos de sua vida (em acidentadas viagens do litoral às Guianas) à pesquisa e à coleta de lendas de nossos índios e que resultou num livro monumental, «Moronguetá» (1) um verdadeiro Decamerão indígena, que despertou a admiração de Levi-Strauss. Aos 83 anos, Nunes Pereira - antropólogo e ictiólogo cuja obra é respeitada mundialmente, lingüista, botânico, pesquisador de religiões primitivas - vive com a família com uma pensão do Estado de três mil cruzeiros mensais. Fomos entrevistá-lo em seu modesto apartamento em Santa Teresa. É um mistério como conseguimos - Sérgio Cabral, Ferdy Carneiro, Olga Savary, Ricky, o fotógrafo e eu nos alojar naquele minúsculo gabinete entulhado de livros até o teto. Anotamos alguns títulos que mostram a variedade de interesses do nosso entrevistado: "A Basic course in modern chinese"; "Essays in polynesian ethnology"; "Life & teachings of Karl Marx"; "Ulysses", de Joyce, "História de Angola", "The natural history of love"...

Nunes Pereira foi amigo e continuador da obra de outra extraordinária figura de cientista, Curt Unkel, alemão da Turíngia, conhecido mundialmente (exceto, é claro, no Brasil). Unkel integrou-se de tal maneira entre os índios que recebeu deles, em rito tribal, o nome de Nimuendaju, que adotou e passou a firmar com ele seus trabalhos. Acabou sendo assassinado em circunstâncias misteriosas em terras dos Tucunas, no rio Solimões.

Eu já conhecia Nunes Pereira. Recebemos uma visita sua na redação, em companhia de seu grande amigo, Arlindo Porto. Fisicamente lembra Nelson Cavaquinho (com a mesma resistência à bebida, com 20 anos mais e muito mais desbocado). A entrevista durou seis horas, primeiro no apartamento dele (onde sua esposa nos serviu fartas rodadas de batida de pêssego) e depois no restaurante Silvestre, nas matas do Corcovado. Poderia ter durado seis dias, pela riqueza da vivência e dos conhecimentos e pela incrível vitalidade do entrevistado. Mas é que ele estava de partida no dia seguinte para Mato Grosso. É, leitor, enquanto você está lendo isto refestelado na sua poltrona, Nunes Pereira está em plena selva, entre os Cintas-Largas. Nos seus contatos com os índios move-o, mais do que o interesse científico, um profundo sentimento humanitário e eu diria mesmo cristão por essas, segundo suas palavras - "vítimas do martirologio ou da "Morte Civil" que, a partir do Descobrimento, envolveu a população autóctone, desvirilizando-a, escravizando-a, assassinando-a."

Depois Nunes Pereira pretende ir a Lagos e à Guiné complementar suas pesquisas sobre a sobrevivência religiosa que descendentes de escravos africanos mantêm no norte do Brasil. "Se conseguir arranjar a grana", acrescentou este indomável jovem de 83 anos. Participaram também da entrevista, com perguntas escritas, Paulo Duarte, Darcy Ribeiro, Arlindo Porto, Roberto da Matta e Castro Faria. - (Jaguar).

1) Edição da Edit. Civilização Brasileira.

ENTREVISTA COM NUNES PEREIRA: 40 anos entre os índios.

Sérgio Cabral - Nunes Pereira, você é amazonense?

NUNES PEREIRA - Não, eu nasci no Maranhão.

Sérgio - Há quanto tempo?

NUNES PEREIRA - Em 1891. Tive necessidade de aumentar minha idade para entrar num curso. Em geral as pessoas diminuem. Eu aumentei. De maneira que sou um homem de 83 anos. Mas sou produto de três raças maravilhosas.

Sérgio - Quais são as três?

NUNES - O negro, o índio e o português.

Sérgio - Essa sua mania por índio começou no Maranhão?

NUNES - Eu devia ter três, quatro anos de idade quando meu pai, numa reunião de amigos, contou massacres de índios no Amapá, feitos pelos franceses. Foi necessário que o Cabralzinho, um herói de lá, pusesse os franceses pra correr.

Sérgio - Isso foi quando?

NUNES - No fim do século passado.

Sérgio - Que franceses eram esses?

NUNES - Franceses lá da Guiana. Pretendiam fundar uma república humanística lá. Invadiram aquelas terras e mataram os índios. A história me aterrorizou. Eu estava brincando com meus carretéis de linha e contaram que os franceses pegavam as crianças pelas pernas e esborrachavam suas cabeças contra as árvores. Isso pra mim era terrível. Ficava com medo que minha mãe - que era muito severa - fizesse a mesma coisa comigo.

Sérgio - Seu primeiro bicho papão foram os franceses.

NUNES - Tive outro bicho papão muito lindo: o homem do mar, um personagem mitológico do litoral do Maranhão. É um indivíduo que vem à tona e toma das embarcações as crianças que não foram batizadas. Minha mãe tinha uma terapêutica maravilhosa para curar pesadelo. Dizia uma oração singular: "Pesadelo da mão furada, se quiser dormir comigo, vá contar areia do mar". Enquanto o pesadelo contava a areia do mar, eu ia dormir tranqüilamente. (risos)

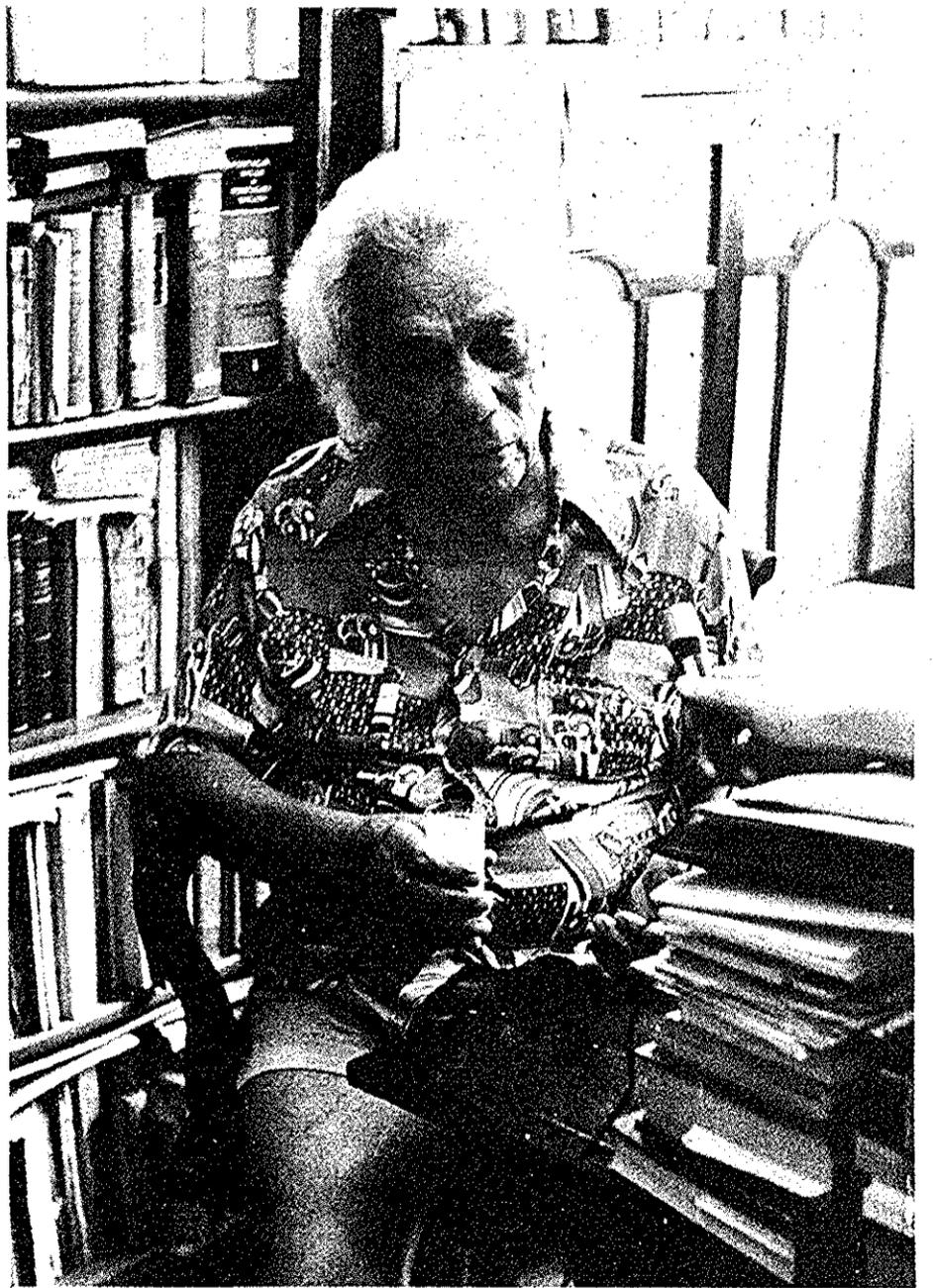
Arlindo Porto - Você não posa de maranhense só pra dizer que é da Atenas brasileira?

NUNES - Realmente nasci no Maranhão, na Lagoa do Sol. Isso não quer dizer que sou queimado assim por ter nascido lá. São Luís do Maranhão foi a Atenas brasileira, depois apenas brasileira, e hoje é apenas.

Jaguar - Como é que você se formou em tantas ciências?

NUNES - Foi através da mágica. A Amazônia é uma região de muita magia. Na minha formação já havia qualquer coisa que me estimulava. E há uma figura singularíssima na minha vida. (apanha um livro de cima da mesa e folheia). Esse foi o primeiro exemplar que saiu. (mostra a dedicatória). Manuel Tibiriçá de Lemos. Depois da morte do meu pai, toda essa família chamou a si a minha educação. Estudei à custa desta família.

Sérgio - A família Lemos.



NUNES - Esse Manuel de Lemos teve uma vida extraordinária. Diziam que era leproso. O que tinha era sífilis terciária. Naquele tempo esse negócio de sífilis não era bem diagnosticado. Ele é que contava histórias de índios pra mim, e que me despertava coisas extraordinárias. Era ele quem me esclarecia coisas de plantas. Comprou uns arreios de prata e ia montado num cavalo preto. Eu ia como um Sancho-Pançazinho. Além de músico, havia viajado muito. Me contava histórias extraordinárias. A ele é que devo esse interesse. Com o tempo, viajando e sentindo o drama do índio, assumi esse interesse.

Ricky - Se alguém lhe perguntasse qual era a sua profissão, o que você responderia?

NUNES - Eu sou veterinário. Quando se atinge a minha idade, deve-se ser veterinário. Posso curar minhas próprias mazelas. Em 1918 fui mandado pelo governo da Amazônia para receber os restos da antiga Defesa da Borracha - uma organização nacional que falhou inteiramente.

Ricky - A borracha não foi defendida?

NUNES - Para defender a borracha tinham que plantar mais borracha. Tinham que organizar a exploração e metodizar o sistema. Os ingleses nos passaram pra trás. O Governo Federal deixou um material fabuloso no Território de Roraima (naquele tempo era Rio Branco), e fui incumbido pelo governador de receber esse material. Nessa viagem tive o primeiro contato com

funcionários do SPL. E tive uma decepção. Um preto maranhense incumbido de zelar pela vida dos índios apareceu a bordo da lancha em que eu viajava. Estava com um estranho reumatismo. À proporção que disseminava, desaparecia o reumatismo. Começou a me contar coisas. Disse que estava ali há dois anos ou três anos e que nunca vira um índio.

Sérgio - Nunca tinha visto?

NUNES - As verbas saíam direto para os funcionários daquele posto, que tinha uma escalação maravilhosa: piloto disso, piloto daquilo. Mas era cortina musical da safadeza. E esse preto me contando que não tinha verba, que estava morrendo de fome. Em Boa Vista fui hospedado pelo prefeito e depois pelo juiz. Econtrei num balcão um garoto de dez ou doze anos com hidropsia. Estava abandonado debaixo de um balcão com o ventre pavorosamente inchado. Depois eu fui à Fazenda São Marcos que era do SPL. E vi índios passando fome.

Sérgio - Esse garoto era índio também?

NUNES - Índio Macuxi. Quando voltei a Manaus escrevi sobre isso. Na ocasião o Rondon estava lá. Era capitão.

Jaguar - Capitão?

NUNES - Capitão Rondon. Tive notícias dele e corajosamente redigi uma carta lhe pedindo uma audiência.

Sérgio - Você conversou com o Rondon?

NUNES - Conteí minha viagem pra ele. Ele disse: "Vou chamar o chefe daquele serviço". Era um camarada que até hoje, só de falar no nome dele eu faço figa.

Sérgio - Mas pode falar que nós fazemos figa também. (figa geral).

NUNES - Um tal de Bento Lemos.

Sérgio - Canalha! (isola na madeira)

NUNES - Dava um azar! Eu era rapazola, não tinha título, não era militar... Ele disse que era mentira. Eu disse que tinha estado lá, com fulano de tal, e que ele tinha viajado comigo. Rondon disse: "Esse garoto está dizendo a verdade. Temos que verificar isso". Falou autoritariamente com o homem.

(chegada de Ferdy Carneiro)

Sérgio - Adentra ao gramado: Ferdy Carneiro.

NUNES - Temos que dar licença pra esse bigode.

Jaguar - De vez em quando aparece alguém pondo em dúvida o valor do Rondon. Qual é a sua opinião sobre ele?

NUNES - Tenho uma grande admiração pelo Rondon. Tenho elementos para dizer até onde ele foi incomparável. Esse negócio de pacificar índios é falso. Os índios - como as mulheres - têm uma vida interior muito grande, muito intensa. É preciso uma intimidade com a sua vida sexual, uma grande intimidade com a sua alma, uma fraternidade, pra compreender o índio. Não são os antropólogos que conseguiram isso. Nimuendaju não era formado.

Jaguar - Nimuendaju quando chegou aqui era Curt Unkel

NUNES - Depois foi iniciado e ficou Nimuendaju. É difícil penetrar na mentalidade do índio. Por exemplo, Curt precisava saber a interpretação de certas inscrições rupestres. Desenhava a inscrição e um índio ia explicando. O índio pegou e desenhou uma coisa no papel, e perguntou pro Nimuendaju se sabia o que era. Nimuendaju olhou, pensou - achando que era uma coisa séria - e disse que não sabia. "Ah, são dois macacos balançando juntos." Os índios mauês foram explorados terrivelmente. Desassistidos por deus e pelo diabo. Cheguei numa aldeia mauê e me instalei rente à água. Perguntei: "Aqui tem sucuniju?" Sucuniju é cobra grande. Mas a minha entonação indicava que eu queria que tivesse sucuniju. Então disseram que tinha. "E ali, não

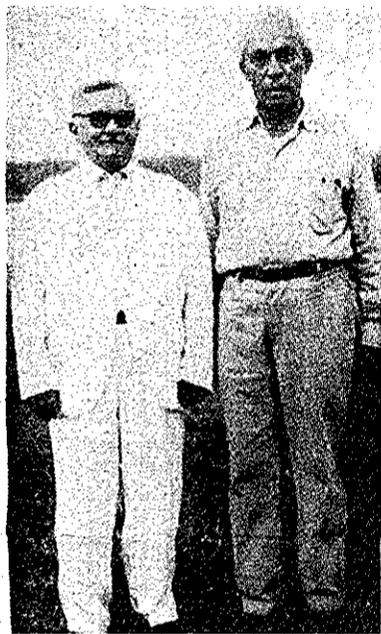
tem?" Parecia que eu estava afirmando que não tinha. Então repetiram que não tinha. Fui pra lá. Ali é que tinha. (risos)

Ricky - Você já foi mordido por cobra?

NUNES - Quando se fala nas cobras grandes, enormes, da Amazônia penso que estão mentindo. Durante 40 e tantos anos na Amazônia, se vi mais de 10 cobras, foi muito. Mas é que elas têm sua vida própria. As pessoas vão lá e não as vêem. No Rio Pacuri não. Subindo o Rio Pacuri vi umas cinco ou seis cobras. É a região que mais tem cobra. Vi até uma jibóia.

Jaguar - Um jibóia jiboando?

NUNES - Não, estava suspensa de uma árvore. Mas é extraordinariamente difícil dizer que o índio é assim ou assado. É preciso ter uma intimidade muito grande com ele. Voltando ao Rondon, que motivou todos esses assuntos: sua obra de penetração é maravilhosa. Já a sua obra de pacificação... O contato do Rondon com os nambiquaras, com os parecis, não teve resultados benéficos para o índio.



De óculos, Manoel de Souza Lôbo, já falecido, dono do Seringal Três Casas, ajudou na pacificação.

Sérgio - Não foi benéfico?

NUNES - Os processos de pacificação não foram benéficos.

Sérgio - Inclusive o do Rondon?

NUNES - Sim. E os de hoje também.

Sérgio - E o do Villas-Boas?

NUNES - Os Villas-Boas são, inegavelmente, excelentes pacificadores. Estudaram o índio, são autênticos. São dos mais dignos de respeito.

Jaguar - Mas a própria palavra, "pacificador", é branca e colonialista. A pacificação é no sentido de trazer os índios para os nossos costumes.

NUNES - O grande Farabee - um inglês muito alto - fazia-se acompanhar de um simples enfermeiro. Levava mochilas cheias de bombons e penetrava o mato. Os índios o viam logo e preparavam as flechas. Ele sorria pros índios, comia uns bombons e jogava o resto. As crianças apanhavam os bombons. Os índios ficavam atarantados e ele se aproximava sorrindo.

Sérgio - Ganhava pelo charme.

Ferdy Carneiro - O que você acha do processo do Chico Meireles?

NUNES - Chico Meireles tinha essas qualidades que reclamamos para os antropólogos e para o Rondon. Chico Meireles tinha uma vocação que o levava a essa compreensão. Ele tinha um defeito na perna. Quando da pacificação dos Xavantes, eu sugeri um novo método: primeiro ele ficaria sentado, depois talaria em pé. Com aquele defeito na perna, quando levantava... (fica em pé e estica o corpo)... crescia e ficava alto. Se agigantava (ri). Ele me xingava, me insultava por causa disso. A meu

ver, a grande obra do Rondon - estou escrevendo sobre isso - foi uma concentração num lugar chamado Queleco (Aldeia Queimada), no Mato Grosso, além de Diamantina. Neste lugar Rondon concentrou Roquete Pinto - cuja tese de doutoramento havia sido sobre medicina indígena - os irmãos Kulman, do campo da botânica, o Duque, do campo da entomologia, Eusébio de Oliveira, do campo da geologia, e vários outros, do campo da linguística, da arqueologia, da antropologia etc.

(pausa enquanto a batida é servida)

Jaguar - Vamos brindar a que o idioma nheengatu não se extinga antes de dar as informações necessárias.

NUNES - Queriam substituir o mito do Papai Noel por um Vovô Índio. Foi o Camargo que lançou essa idéia. Acha-va que devíamos ter o nosso Papai Noel à maneira indígena. A Eneida me apelidou de Vovô Índio. Fui apresentado ao atual Ministro da Justiça, o Sr. Falcão. Ele não me estendeu a mão. Eu, prudentemente, também não estendi a mão. Olhou pra mim e disse: "O senhor tem muito de índio, não"? Eu disse: "Está na cara, Excelência". Depois ele se firmou mais e disse: "O senhor se parece muito com o Rondon". Eu disse: "Não, Excelência, o senhor está enganado. O Rondon é que parecia comigo. Eu sou muito mais importante que o Rondon". (risos)

Jaguar - Botou pra quebrar.

Jaguar - Nós estávamos numa concentração com inúmeras personalidades.

NUNES - A minha preocupação é fazer um estudo biobibliográfico dedicado a cada um desses personagens, procurando definir o que era a ciência ao tempo desse grupo notável. Estive na Biblioteca Nacional esta semana procurando mapas e informações sobre Jamari. Vou para lá quarta-feira com meu amigo Pontes Pinto, que também me ajudou a publicar o *Moronguetá*. Vou para um centro de mineração, para ter um contato com um cintalarga que revelou uma série de coisas interessantes para o estudo da antropologia, no sentido da vida econômica e social deles. Sigo para lá.

Ricky - Qual foi a intenção de Rondon, ao concentrar esses homens na Aldeia Queimada?

NUNES - O objetivo era a criação de obras... Esses homens partiram e deixaram obras que, lamentavelmente, são ignoradas.

Jaguar - Mas estão aí.

NUNES - Estão no Museu Nacional. O diretor deste museu conseguiu uma verba e está restaurando não só o edifício, mas todo o seu acervo maravilhoso. Existe toda uma obra monumen-

Existem expressões indígenas que vêm até do grego.

tal que tem como figura máxima, imaculada - pois foi ele quem idealizou a concentração - o Marechal Rondon. A minha admiração pelo Rondon é pela sua autenticidade extraordinária no campo científico. Vejo neste país inúmeros cientistas marginalizados, morrendo de fome. Já naquele tempo, Rondon tinha uma concepção diversa. O cientista não deveria ficar numa ilha de solidão, como aquele escritor francês exigiria. Para o cientista são necessárias condições de vida e condições de liberdade.

Sérgio - E Rondon era um homem a favor da liberdade?

NUNES - O fato de integrar-se numa área de homens livres revela isso.

Ferdy - Rondon arregimentou essas personalidades para esta excursão. Me parece que foi pioneiro também porque documentou essa expedição cinematograficamente. Onde é que está esse material?

NUNES - Deve estar no Museu do Índio. É uma documentação fabulosa. Darcy Ribeiro procurou salvar todo esse acervo. É uma homenagem que devemos prestar ao Rondon.

Jaguar - Quantas línguas indígenas existem no Brasil?

NUNES - Não sei dizer precisamente. Há uma certa confusão nas famílias linguísticas. E de repente estão aparecendo grupos novos. Não existem especialistas nesse assunto. Seria interessante consultar toda a obra do Nimuendaju, que estudou perto de 180 idiomas indígenas.

Castro Faria - Nunes Pereira, você sabe que contam histórias a respeito de sua maneira muito pessoal de aprender línguas? Afirma-se que você domina várias.

NUNES - Estudei várias línguas. No colégio estudei inglês e alemão. Depois estudei no Salesiano. E na universidade as obras de veterinária eram escritas em francês. Depois passei ao italiano. Meu padrinho é um português, proprietário de navios, e numa viagem de férias me levou de Belém até o Purus. E

Os índios - como as mulheres - têm uma vida interior muito grande, muito intensa. É preciso uma intimidade com a sua vida sexual, uma grande intimidade com a sua alma, uma fraternidade pra compreender o índio.

leveí comigo a Divina Comédia. De maneira que cheguei a saber cânticos e cânticos de cor. Inda hoje eu digo o Canto V, 2º episódio: (começa a recitar em italiano)...

Sérgio - Então você fala: francês, italiano, inglês, alemão...

NUNES - E espanhol.

Sérgio - E língua indígena?

NUNES - Nenhuma. Falo muito mal o Tupi moderno: o nheengatu.

Sérgio - Dá pra bater papo?

NUNES - Dá pra conversar sobre coisas elementares.

Jaguar - "Onde é a casa de câmbio?", essas perguntas assim.

Sérgio - "Índio troca dólar?"

NUNES - O que ocorreu nos meus contatos com os índios - com os macuxis, por exemplo - é que muitos deles falavam inglês. Eu falando inglês podia me entender com os macuxis. Muitos índios falavam português, ou espanhol. Usando essas línguas foi fácil chegar até um conhecimento profundo de suas lendas.

Jaguar - Naquele tempo não tinha essa sopa de gravador, né.

NUNES - Isso (o gravador) é uma maravilha. Agora eu tenho um.

Sérgio - Nesses estudos sobre os índios, existe indícios de algum parentesco com línguas antigas da Ásia?

NUNES - Existe.

Sérgio - Que povo seria esse que veio pra cá?

NUNES - Barbosa Rodrigues procurou mostrar a filiação das línguas indígenas das Américas às línguas do Oriente. Quando escreveu sobre o furaquitã, procurou demonstrar essas origens. Existem expressões indígenas que vêm até do grego.

Paulo Duarte - Qual a sua opinião sobre o pensamento primitivo?

NUNES - Há que respeitá-lo. A obra de Claude Lévi-Strauss nos dá uma visão não-satisfatória sobre o pensamento primitivo. A psicologia e a expressão do índio é desorientadora, principalmente no campo dos mitos. A meu ver, ainda se está lutando para definir o pensamento primitivo, como o Bastide e outros têm lutado para definir o fenômeno do transe. São duas coisas aparentemente diversas, mas são dois aspectos da vida do índio. Essa pergun-

ta me enterneca muito. Duarte, porque você é uma pessoa que admiro muito. É um dos homens mais corajosos e dignos no Brasil.

Paulo Duarte - Levy Bruhl, inicialmente, lançou a sua doutrina de sociologia primitiva defendendo a mentalidade prelógica do primitivo. Depois, com a honestidade do grande sábio, ele mesmo, em seus "cahiers", declarou-

se equivocado, de modo que para ele essa mentalidade não estaria mais separada por um abismo da mentalidade do civilizado. Sabe que esta convicção cristalizou-se depois de uma rápida visita que fez com Rondon aos sertões brasileiros?

NUNES - Não sabia. Mas deve ter sido com suas várias viagens e contatos com índios. Demos esse rótulo de

"primitivo" aos indígenas sem respeitar o seu passado, seu coeficiente de tradições, mitos, cargas sociais e psicológicas.

Jaguar - Que é extraordinariamente complexo.

Paulo Duarte - Sob o ponto de vista humano, o que se está fazendo no Brasil com o índio não é um crime. Contra a dignidade humana? Não será

também contra a investigação científica?

NUNES - Sim, estou de acordo. E muito me admira que um homem como você, que já formulou esta pergunta, não seja considerado pelo poder público. E que se esteja gastando dinheiro com pretensos estudos dessa natureza.

Paulo Duarte - A conservação e preservação do índio - com a sua

LENDAS RECOLHIDAS EM "MORONGUÊTA - UM DECAMERÃO INDÍGENA - Nunes Pereira

COMO BÁIRA CASTIGOU SUA GENTE

Antigamente, todas as coisas que vemos no céu - o Sol, a Lua, as Estrelas, as Nuvens - e todas as coisas que devem existir por detrás das Nuvens, das Estrelas, da Lua e do Sol existiam na terra dos Cauaiua-Parintintim.

Báira foi quem pôs ali todas essas coisas.

Um dia, porém, ele zangou-se com a sua gente e levou todas as coisas boas para o céu.

Deixou para os Cauaiua-Parintintim só a mata, com as suas feras, os seus espinhos, as suas formigas, as suas cabas, os seus carapanãs, os seus carrapatos, os seus piuns e a sua escuridão.

MITO DE MACUNAÍMA (O DESOBEDIENTE)



Quando Macunaíma ainda era criança seus irmãos sempre lhe estavam dizendo:

- Nunca espies um sexo de mulher. É horrível. É perigoso. Foge dele.

Mas isso só servia para excitar mais a curiosidade do menino e o desejo de desobedecê-los.

Uma vez, andando pelos matos, Macunaíma encontrou uma árvore muito alta, mas seca, de tronco bastante grosso e escorregadio.

De um dos galhos daquela árvore, separado do corpo, pendia um sexo de mulher.

E mesmo seco e mirrado era tão horrível aquilo que Macunaíma viu logo não ser fruto enluado ou uma velha pele de morcego.

- Lá está um sexo de mulher!

Macunaíma então se transformou imediatamente num macaco-prego. E tentou escalar a árvore. E espiar de perto aquele sexo.

Mas o tronco era muito grosso e escorregadio. E seus braços de macaco eram muitos curtos. E Macunaíma não conseguiu escalá-lo.

Transformou-se, por isso, num quati. E não conseguiu escalar o tronco.

Transformou-se, ali mesmo, numa cobra. E também não conseguiu.

Transformou-se numa lagartixa. E nada conseguiu.

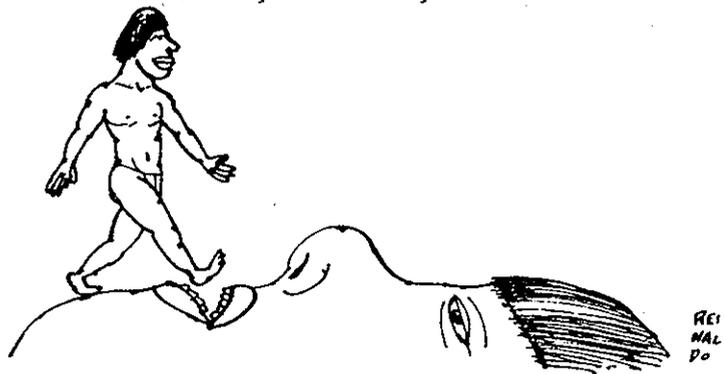
Transformou-se numa formiga. E, caminhando em zigue-zague, pelo tronco acima, bem devagar, chegou perto do sexo de mulher e pôde espia-lo como queria.

Mas o sexo de mulher o descobriu. E, rápido, o engoliu.

Muitos dias depois os irmãos de Macunaíma, procurando-o pelos matos, ao passar por aquela árvore, viram o sexo de mulher, que conheciam, gordo e viçoso.

Desconfiaram. Puseram a árvore abaixo. Abriram aquele sexo. E ali acharam o corpo de Macunaíma. Sopraram sobre ele. E Macunaíma acordou, rindo, rindo.

TRADIÇÃO DA CRIAÇÃO DO MUNDO



O primeiro mundo Deus levou para o céu.

Os que ficaram, os "encantados", Sucuris, Jibóias - resolveram fazer um mundo para eles.

Então fizeram o Mundo do corpo da própria irmã - Unhã-mangaru.

Se ela ficasse com a face voltada para o céu, nunca eles morreriam. Como ficou com a face para a terra, ela nos está chamando sempre para a sua companhia.

Ela disse aos irmãos:

- Vocês me fizeram terra: está bem. Eu vos chamarei, pois sempre para mim.

LENDA DA SERRA DO BANCO



Os velhos contam ainda que, um dia, os índios e os bichos do rio Surumu, entre a Serra de MAIARI, a do TARAME e a do TABACO, resolveram fazer uma grande festa, com muitos vinhos de frutas e muitas danças.

E lembraram-se de ir convidar o velho Pajé que, com sua gente, mulher e filhos, morava na serra CUMAIPIN, onde havia um grupo de sumaumeiras.

O velho os recebeu com muita alegria, mas agradeceu o convite, alegando que na festa haveria muita bebida (caxiri, paiuá e paiuaru) e muitas danças (parichora, murua e tucui).

E ele, com certeza, ficaria bêbado. E a sua mulher. E os seus filhos também.

Os que estavam promovendo a festa e o estavam convidando responderam que beberiam mais do que o velho Pajé.

- Vocês vão ver. Com tanta bebida eu tenho que ficar bêbado. Mas, como vocês insistem, irei à festa.

E o Paié foi.

Quando chegou à casa da festa já estava muita gente bebendo e dançando.

O velho Pajé bebeu e dançou. E sua mulher. E seus filhos também.

Daí a pouco estava bêbado, às quedas, atrapalhando as danças, implicando com todo mundo.

E depois começou a reclamar o seu banco:

- Eu quero o meu muiritêpê! Tragam o meu muiritêpê! Tragam...

Um parente dele e a jia CUI o agarraram pelos braços e pelas pernas, tentando deitá-lo numa rede. O veino não consentiu. E continuou a reclamar o seu banco.

- Quero o meu muiritêpê! Tragam já o meu muiritêpê! Ele está no alto da Serra onde o deixei.

- Ora... quem vai carregar aquele banco de pedra? E pesa tanto!

- Eu mesmo não vou, disse um.

E todos os que estavam na festa disseram que não iriam buscar o banco, que era de pedra e pesava tanto.

A jia ou rá do campo - a CUI -, entretanto, soltou o braço do velho Pajé e disse, decididamente:

- Eu vou!

Todo mundo achou graça. E uma velha disse que a jia já estava bêbada.

Mas viram, assombrados, todos os que ali estavam, que a jia saiu aos pulos da casa da festa, atravessou o terreiro e entrou pelo caminho que levava à serra onde havia um grupo de sumaumeiras.

A jia, assim que lá chegou, meteu-se debaixo do banco de pedra do velho Pajé.

O banco pesava muito.

Grande espanto causou, porém, à gente da festa e ao próprio Pajé, quando, pouco tempo depois, a CUI voltou com o banco às costas e parou no meio do terreiro.

Ali foi arriando o banco, devagar, devagar, mas ficou debaixo dele, porque o banco tinha as pernas partidas e a jia, ao carregá-lo, as deixara na serra entre as sumaumeiras.

O Pajé tirou a jia de debaixo do banco e toda gente viu que ela criara um calo nas costas.

O velho pediu uma cuia grande de paiuá e lhe derramou esse vinho pelo corpo, para que readquirisse toda a força que a fizera carregar sózinha aquele banco de pedra.

E pediu mais vinhos para toda gente.

Depois, sentou-se no banco e disse:

- Agora, sim, é que eu vou beber mesmo com gosto, sentado no meu banco.

E passou todos os dias da festa sentado no banco, bebendo e rindo, mas sem gritar e sem implicar com ninguém.

Finda a festa, voltou para a serra das sumaumeiras, levando o banco.

Como o mesmo tinha as pernas quebradas, ao passar por uma serra, lá o deixou: essa é a serra MUIRITÉPÊ (A Serra do Banco).

As pernas quebradas do banco podem ser vistas na Serra CUMAIPIN, onde o velho Pajé mora, desde o Dilúvio, pois ele, quando chegaram as águas ao Rio-Cotingo, pegando a mulher pelos braços e os filhos, também ali se meteu, dançando, à entrada da pedra, e bebendo uma cuia de caxiri.

E ali que o Pajé mora ainda, até hoje.

A jia CUI mora nos campos do Surumu e todos a conhecem porque tem um calo às costas, feito pelo banco de pedra do velho Pajé.

cultura primitiva, os seus costumes – segregado inteiramente do contato branco, não seria de uma utilidade imensa para a pesquisa dentro do campo científico?

NUNES – Separar o índio do civilizado? Criar um laboratório? Isso é que deveria continuar. Mas como isolá-lo, se – a pretexto da civilização (que eu chamo de sifilização) visando a exploração das nossas reservas para matar a fome de árvores e de minério – invadimos o domínio dos índios? E se destruímos a sua estrutura?

Paulo Duarte – Há – ou havia – só no Brasil, algumas dezenas de línguas que vão desaparecendo rapidamente pela política de eliminação do índio com uma aculturação sem a menor base científica. Essas línguas vão desaparecendo sem que sobre elas se tenha realizado um exame completo e aprofundado. Não se estaria com isso destruindo uma das mais importantes possibilidades de se chegar à origem desses grupos selvagens – de onde vieram, quando vieram, como vieram e por que vieram?

NUNES – É isso mesmo que está ocorrendo. É uma coisa porque eu, e outros, sempre nos batemos. É essencial a criação de um grupo etnológico para estudo de línguas. Um dos grandes erros do Rondon foi querer aproximar. Nanbiquaras (índios guerreiros, da estatura do Ferdý Carneiro) e Parecis, (da minha estatura). São culturas diferentes.

Jaguar – Alhos e bugalhos.

NUNES – O resultado foi que quase se entredevoraram.

O índio tem muito mais virilidade que o homem branco; o maior estímulo sexual, a meu ver, ainda é a liberdade.

Paulo Duarte – O mesmo vandalismo não estaria impossibilitando pesquisas outras sobre as origens de certas manifestações de patologia pré-histórica?

NUNES – Claro, claro.

Paulo Duarte – Aliás, como já opinou Olímpio da Fonseca de Manguinhos, em alguns notáveis trabalhos.

NUNES – O grande Olímpio da Fonseca é uma das figuras mais sérias no campo da ciência. Foi o fundador do Instituto de Pesquisas da Amazônia. Também estive no Peru e visitei os museus de lá. Que coisa maravilhosa fizeram os antropólogos peruanos. Através da cerâmica, registraram, identificaram e confirmaram vários diagnoses de moléstias apontadas por missionários. A cerâmica do Marajó, por exemplo, pode apresentar algumas deformações, mas não tão rigorosas quanto às do Peru e da Colômbia. Outro exemplo: basta darmos uma olhada em tipos ainda vivos para vermos que a sífilis corria pelo Brasil. Em Cuzco vi material usado pelos indígenas para fazer trepanação. E parece que Castro Faria encontrou agora no Brasil um crânio com trepanação. Isso mostra que em nossa área havia uma utilização desse estranho processo. As manifestações que denunciavam tumores cerebrais eram tratadas assim. Esse tipo de estudo poderia ser feito aqui através de cerâmica.

Ricky – Você foi ao Peru em viagem de estudos?

NUNES – Foi um dos períodos mais bonitos da minha vida. Passei um ano estudando a vida animal das águas do Lago Titicaca. Os peixes, o plancton... Tenho tudo isso em cadernos para publicar.

(entra uma valsa de Strauss na trilha sonora)

Arlindo – Você quando fala – especialmente quando já tomou umas e outras, – refere-se muito a EU. **NUNES PEREIRA**. Isso é narcisismo?

NUNES – É para me estimular através dessa afirmativa. É como quem grita nas trevas. Quando digo EU, faço um apelo à minha própria personalidade.

Jaguar – A gente tem uma imagem do índio, mas no Morongueta você me surpreendeu com certas coisas. Disse que o índio é muito chegado a umas birritas. Você, como eu, gosta muito de beber. E parece que lá, o sujeito que gosta de tomar um pilequinho não está desamparado.

NUNES – Ao contrário. Encontra toda solidariedade. (risos)

Sérgio – Qual é a melhor bebida deles?

NUNES – Tem o cachiri, uma bebida fermentada.

Jaguar – (Interessando-se pelo papo) – Que outras bebidas eles têm?

NUNES – Dê uma olhada no Moranguetá que falo muito sobre as suas bebidas.

Jaguar – E não só bebidas, como alucinógenos, afrodisíacos, e principalmente muito sexo.

NUNES – São francamente do sexo. Fiz um inquérito sobre o cunnilinguismo entre eles.

Jaguar – Inclusive o homossexualismo rasgado.

NUNES – Não. Não sei se “graças a Deus”, mas entre os índios que visitei, todos se afirmam por uma virilidade incrível.

Sérgio – O homossexualismo não existe?

NUNES – Só entre os índios do Amapá. Costumo atribuir aos franceses a influência tanto nessa área quanto no cunnilinguismo.

Jaguar – Quem tem mais virilidade: o índio ou o homem branco?

NUNES – O índio tem muito mais.

Sérgio – A que você atribui isso?

NUNES – Ao contato com a natureza. E à sua alimentação.

Sérgio – Muito peixe.

Jaguar – Também, vive pelado lá dentro d’água, olhando aquelas índias.

NUNES – O maior estímulo, a meu ver, ainda é a liberdade.

Sérgio – É verdade.

NUNES – Nas ilustrações de Bocage, nas iluminuras da Bíblia, vêem-se aqueles frades insinuando virilidade, com aquelas batinas. Porque frade não usava cueca. As contingências da nossa vida limitam a virilidade. Não sentimos as ondas eróticas naturais.

Jaguar – Você disse que chegou a assistir, de longe, a uma festa dos índios. E que era uma bacanal que demorava três dias.

NUNES – Ah, claro.

Jaguar – Ninguém é de ninguém ou há um certo método?

NUNES – Existe uma certa confusão de sentimentos. (risos)

Jaguar – É índio com índio, índia com índia...

NUNES – Índio com índio não. Tanto quanto eu observei, existe uma valorização da mulher, tanto do ponto de vista sexual quanto econômico. Entre os índios Uatichanas encontrei a prática da prostituição hospitaleira.

Jaguar – Como assim?

NUNES – Nós, cinco homens, chegamos a uma aldeia. E o tuchaua dá uma mulher para cada um.

Sérgio – Que homem gentil, hein.

NUNES – Eu mesmo tive uma.

Sérgio – É um perfeito cavalheiro.

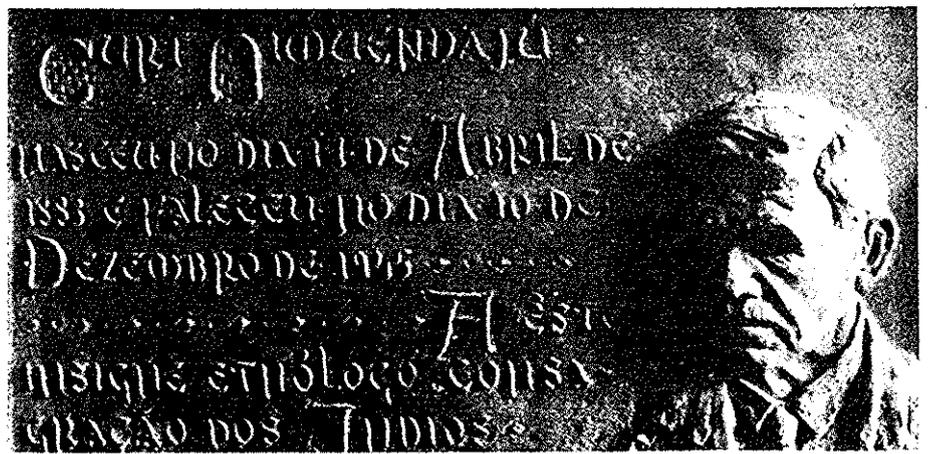
NUNES – Já pensou se nós, casados, pudéssemos ter mulheres suplementares para oferecer pros amigos?

Jaguar – Aqui, na alta sociedade, é assim também.

NUNES – Vocês sabem que chega numa aldeia e não pode armar a sua rede? Eles é que escolhem o lugar. Cheguei numa aldeia Uatichana e armaram minha rede debaixo de uma goteira. Choveu a noite inteira...

Jaguar – E você sem guarda-chuva.

NUNES – Na hora de ir embora ainda quiseram saber de pagamento.



Placa existente no “Museu Paraense Emílio Goeldi”, em homenagem à memória de Curt Nimuendaju.

Influência de alguém que andou aqui pelo Rio de Janeiro...

Jaguar – Os índios estão se civilizando. Outro dia li no jornal que seqüestraram uma mulher e estão exigindo resgate.

NUNES – Ah, como estão avançados! Felizmente não estou por lá, senão poderiam me atribuir isso. Vocês conheceram Eustáquio Duarte aquele pernambucano que escreveu “Ode à Pimenta”? Chegou em Belém, arrendou uma embarcação, e subiu pelo estreito de Breves. No lusco-fusco da madrugada viu uma coisa suspeita numa praia. Foi lá e era um índio sentado, com uma fêmea de boto chupando os seus órgãos. Diz ele que ficou horrorizado. “Deixei o Rio de Janeiro e vim aqui pra pureza da mata! Quem foi que te ensinou a fazer isso? “Ele disse que o índio falou: “Foi o professor Nunes Pereira”. (risos gerais)

Jaguar – E a bota aprendeu onde?

NUNES – Há uma lenda de que os botos fazem isso muito bem. Mas pode ter acontecido.

Nelma Quadros – Como é o nome daquele índio que papava todo mundo?

NUNES – Poronominali. Essa história está no Morongueta. Jaburu pulou de cima da árvore e levou Poronominali pra casa da mãe dos Jaburus. Aí a velha era uma coroa boa. O Jaburu disse pra ele: “Você fica aqui com a minha mãe”. Mas o Poronominali tinha um apetite sexual incrível. (grita): “AÍ VEM PORONOMINALI ATRÁS DE NOSSAS FILHAS, NOSSAS IRMÃS E NOSSAS MÃES!” Era uma coisa terrível. (risos) O Jaburu falou: “Fica aí com a minha mãe mas

Na época em que eu fazia versos, Bilac dizia que eu era um gênio florestal.

não mexe com ela”. E ela não fez senão excitar o conhecido apetite de Poronominali.

Jaguar – Aí ele mandou brasa.

NUNES – Cantou a velha. Ela disse que não, mas ele insistiu. A velha correndo em volta da casa e ele correndo atrás. Aí ele disse: “Tenho muito bicho na minha coxa. Tenho jararaca, escorpião...” “Eu cato”. “Bom, se você catar...” Catou, mas ficou um carrapato de onça, que é venenosíssimo. Foi ter relações com a velha e o carrapato o mordeu. Imediatamente a glândula cresceu. E cresceu tanto que deu três voltas na cintura e ainda ficou aquela cabeçona. A velha disse: “Vai pra beira do rio, lava”. Ele foi... (levanta e carrega uma glândula imensa). Desdobrou aquele negócio e ficou ali. (lava a glândula). Aquela dor terrível. Altas horas da noite macaco chegou e viu aquilo. Pensou que era cobra grande. E por safadeza mesmo foi procurar um galho de árvore bem pesado e PAU! (risos gerais) Poronominali gritou AÍ! e a glândula encolheu de dor. O índio que me contou essa história disse que se não tivesse feito isso nós teríamos

nascido sem membros. Todos teriam ido pro Poronominali.

Jaguar – Os índios também têm uns sistemas de ficar com o pênis maior. Desde pequeninhos põem umas talas do lado.

Ferdý – São os estojos penianos.

NUNES – Uma senhora ficou muito espantada com aquilo, e eu disse pra ela: “Olha minha senhora, aquilo não é só pra enfeitar. É pra defender de piranhas, de espinhos, de andar no mata”. Porque podem ir nadando, aí a piranha.

Jaguar – Aí!

Ricky – Umas piranhas muito piranhudas.

Ferdý – Tubarão é pinto perto delas.

NUNES – Mas eu disse pra senhora: “E não é só por isso. É por causa de mau olhado”.

Ferdý – Não há um registro seu de casos de ciúme?

NUNES – Há sim.

Jaguar – Tribos inteiras brigam por causa disso.

Arlindo – Existe uma senhora que viveu entre os índios e provocou guerras tribais.

NUNES – Essa mulher estava em Manaus.

Arlindo – Nunes, você ficou rico com os livros que escreveu?

NUNES – (ri) Estou com 200 cruzeiros no bolso e pensando como vou viajar. Um amigo meu, um italiano, queria me dar uma nota de 500 pra comprar bugingangas pros índios. Eu não queria aceitar, então ele disse: “Fazemos o seguinte. Que dia é o seu aniversário?” Eu respondi: “Sou como as prostitutas. Todos os dias sou aniversariante. Pode me dar o dinheiro”. (risos)

Arlindo – Porque essa idéia de largar as maravilhas do viver nesta cidade moderna e aprazível, para ir se socar no meio do mata, nas brenhas do Itacoatiara?

NUNES – De início, porque não posso viver mais com essa aposentadoria.

Sérgio – Quanto é que você ganha?

NUNES – Cr\$ 3.380. Não posso viver com isso. Todo dia o poder público me acena com uma taxa nova pra pagar. Mas não é só isso.

Jaguar – Você se sente remoçado quando vai para lá?

NUNES – Sinto. É o tropismo da selva. Quando volto pra mata, a minha audição muda. Pode ser por um próprio mecanismo de defesa. Ouço qualquer rumor de inseto. Sinto o cheiro das árvores. Recupero uma força extraordinária. Sou um homem de 83 anos de idade e leio e escrevo sem óculos.

Sérgio – Tem que ir tomar sua prise de natureza.

Jaguar – Então o homem que vive na selva é muito mais completo?

NUNES – Nos somos uns mutilados. Somos terrivelmente brutalizados. Você vai atravessar uma rua e recebe a carga – mesmo quando não recebe o impacto de um veículo – mas recebe a carga de sua proximidade.

Jaguar – Mas na selva encontra-se um jaguar pela frente e sente-se a mesma coisa.

Índios Brancos

NUNES - Se eu te encontrasse pela frente não sentiria nada.

Sérgio - Você acha a selva mais gentil e hospitaleira?

NUNES - Claro.

Sérgio - Os riscos de morte não são mais violentos do que na cidade?

NUNES - São. Mas são menos. Em relação às cobras, por exemplo. Elas têm a sua vida sexual, o seu período de hibernação, sua época de por os ovos. Sabendo a época em que estão dormindo, pode-se passar tranquilamente por elas. O que é terrível é o Carapana, um mosquito que aporrinha a gente. E um tal de catuqui? É quase que microscópico, e atravessa a malha do mosquito mais fechado possível. Em Georgetown comprei uma roupa de borracha pra me cobrir. Mas ficava com o nariz de fora. Quando acordava meu nariz parecia uma batata.

Jaguar - Agora tem uns repelentes americanos.

NUNES - Não adiantam.

Jaguar - Mosquito na selva realmente é uma parada. O índio aguenta?

NUNES - Aguenta porque passa óleo de castanha. Passam no corpo por ser um repelente natural.

Jaguar - Repelindo inclusive os outros índios. E as índias.

NUNES - E o próprio sujeito que usa.

Jaguar - O sexo pra eles é uma coisa natural, ou têm uma preocupação de ficar tomando afrodisíacos? Porque parece que pensam o tempo todo nisso.

NUNES - Não, não. Com essa obsessão não. É uma parte de suas atividades, assim como pescar. Em geral é nas festas coletivas que abusam dos afrodisíacos.

Jaguar - Qual é a seqüência de interesses do índio? Ou é tudo no mesmo padrão?

NUNES - O sexo, evidentemente, está na frente. A dança serve como uma estimulação. Um tira-gosto.

Arlindo - Peixes e outros temas aquáticos entram em sua obra por mero acidente ou há um certo interesse profissional pelo assunto?

NUNES - Todos os seres da Amazônia estão ligados ao homem. Se estudo o homem tenho que estudar os outros seres. Agora, tenho um interesse especial pelos peixes. Já porque sou comedor de peixe, e já porque é um mundo maravilhoso. Existem peixes de profundidade, peixes noturnos que só quem pesca à noite pode ver...

Ferdy - Você inclusive fez uma apologia do peixe como alimentação.

Jaguar - Você é um homem de 83 anos. Está aí tomando umas biritas e eu já vi você derrubar uma garrafa inteira. Como naquele dia, Nunes, e eu fiquei completamente de porre. Como é o seu sistema de vida?

NUNES - Durmo às sete horas.

Jaguar - Aprendeu com os índios?

NUNES - Em contato com a própria natureza. Tenho uma higiene rigorosa comigo mesmo. Eu era um grande beta cabeludo. Na época em que eu fazia versos, Bilac dizia que eu era um gênio florestal. Às duas horas da madrugada, acordo, lavo o resto, escovo os dentes, e sento-me aqui. Trabalho e estudo até as cinco e meia, quando deito e durmo mais meia hora. Acordo e tomo banho. Antigamente fazia a ginástica de Miller. Isso até os 54 anos. Depois fica perigoso. Pela manhã como frutas e tomo um copo de água. O índio bebe água. Ajuda o movimento intestinal. Raras vezes tomo café, eu tomo chá. Quando estou aqui na cidade tomo coalhada. No mato, sou como o índio. Como fora de hora, e de preferência pedaços de caça. Mas a minha alimentação, durante todo o ano, é na base de peixe. Como peixe 700 e tantas vezes por ano. Quando eu estava fazendo um estudo sobre a ilha de Marajó, morava numa pensão. Chegava na pensão a qualquer hora e sempre tinha caranguejo, peixe, camarão. Preparavam um

caranguejo e eu sentava com uma garrafa de cachaça...

Jaguar - Eta vida! Você cozinha?

NUNES - Não. Só esta coisa de limpar peixe e por na panela com sal, pra comer com a mão e com farinha. Fora disso, não existe técnica de preparo. Para assar tem a técnica do tambaqui.

Olga - É feito na folha, né.

NUNES - Amarra-se nas extremidades e aproxima-se da fogueira para ir assando. Outra maneira muito fácil é fazer um buraco, tirar as vísceras do peixe, enrolá-lo em folhas de bananeira sororoça, e fazer a fogueira em cima. É uma delícia.

Jaguar - A culinária indígena tem temperos requintados?

NUNES - Com os condimentos nós perdemos o sabor natural das coisas. Uma coisa que me chamou a atenção foi no preparo do porco do mato, que tem muito carrapato. Matam o porco e tiram as vísceras. Chamuscam o pelo e os carrapatos caem. Vão assando num fogo brando. Assim, todas as glândulas injetam suas riquezas no tecido muscular da caça. Dá um sabor e um perfume inteiramente diferente à carne.

Jaguar - No Morongueta você fala do cachiri uma bebida feita com beiju, que dá um hábito afrodisíaco. Não é como a cachaça, que afasta.

NUNES - É feita com pedaços de plantas odoríferas.

Sérgio (que está de ressaca) - E dá ressaca?

NUNES - Dá uma boa ressaca. Um alemão me ensinou que o melhor remédio pra ressaca é um copo grande de água pela manhã.

Sérgio - Você não fuma, né?

NUNES - Já fumei. Eu tinha um cachimbo que veio da Itália. Fumava o cachimbo e fazia versos. Drummond dizia que eu era um parnasiano terrível.

Sérgio - E a Eneida, hein?

NUNES - Conheci Eneida no Pará. Era linda.

Jaguar - Não era de parar o trânsito porque não havia trânsito naquela época.

NUNES - Era inteligente e era Mulher. Fascinadora.

Jaguar - E Noel Nutels?

NUNES - Domingo almocei com umas pessoas que foram grandes amigos de Noel Nutels. Cinco moças lindas, inteligentíssimas, que mandam cerveja sobre cerveja.

Ferdy - Noel Nutels era um intelectual que se conciliava com sua imagem de boêmio.

Jaguar - O Nunes é uma espécie de boêmio vespertino.

Ferdy - Ah, mas de vez em quando quebra o seu hábito de dormir cedo.

Todos - ARRÁ!

NUNES - Não, não posso fazer as mesmas coisas sempre. (trilha sonora: "Sinfonia Pastoril", de Beethoven)

Jaguar - O Darcy Ribeiro mandou uma pergunta para eu fazer: "Que que você fez do diário secreto de Nimuendaju?"

NUNES - Fui incumbido pela Inspeção de Índios de Belém para receber o espólio de Nimuendaju. Em sua últi-



Nunes Pereira ao lado do temível guerrilheiro Quatro Orelhas.

ma viagem, Nimuendaju passou por Manaus e me procurou na Associação Comercial, onde eu estava fazendo um inventário. Fomos almoçar num restaurante ali perto. Ele ia retomar seus estudos sobre os tucunas, interrompidos pela imbecilidade oficial. O Marechal da Guerra recebeu uma denúncia de que havia nazistas em São Paulo de Olivença investigando o movimento de tropas e de navios.

Jaguar - Pensaram que ele era espião?

NUNES - Foi preso e levado para Manaus. Interromperam uma pesquisa que ninguém tinha condições de continuar. Nem eu me sinto preparado para essa parada. Mas o Diário Erótico de Nimuendaju deve estar com Heloísa Alberto Torres, filha do Alberto Torres.

Ferdy - Foi diretora do Museu.

NUNES - Era muito amiga dele. E o diário deve estar com ela.

Jaguar - E ela está aonde?

NUNES - Está aqui no Estado do Rio.

**Quando volto pra mata,
a minha audição muda.
É o tropismo da selva.
Recupero uma
força extraordinária.
Nós, homens da cidade,
somos uns mutilados.**

Sérgio - Seria um bom lançamento pra Editora Codecri.

NUNES - Mas ela não entregaria o diário. Eu tenho algumas páginas datilografadas. Esse diário foi datilografado para ser publicado, mas essas folhas datilografadas foram seqüestradas por um padre e estava na mão de um alemão que explorava os índios tucunas. Parece que ele e o Curt não se davam.

Jaguar - Cavalcanti Proença disse que o Curt morreu em circunstâncias misteriosas.

NUNES - Morreu assassinado. Chegou a Manaus como nazista. Logo ele, que tinha uma antipatia pelo nazismo. Esteve lá na terra dele e não suportou ficar. Foi para Belém porque não teve autorização nem recursos pra voltar pra pesquisa. Depois foi até Manaus, onde encontrou-se comigo. Estava ficando na Comissão de Limites, perto do Teatro Amazonas. E disse pra mim que ia voltar. Viajou para São Paulo de Olivença com funcionários do SPI. Contratou uma embarcação e subiu. Parou num lugar chamado Santa Rita, onde esteve com o Barcelos, um sujeito aqui do Sul. Esse camarada tinha ligações com o pessoal de Igarapé da Rita, pra onde ele queria ir. Atribui-se gestos criminosos a esse Barcelos. Dizem que punha tóxicos para indígenas dentro de xícaras de café. Por causa dele, quando Nimuendaju chegou nos tucunas, Ipanique, o tuchaua, lhe deu uma cuia com uma bebida. Esta bebida estava com veneno. Nimuendaju sentiu os efeitos do veneno e ainda perguntou: "É assim que você me recebe"? Dentro de poucos minutos era um homem morto.

Ricky - "Até tu, Ipanique?"

NUNES - Mas existe coisas seríssimas como base dessa história. Se fizemos um movimento no sentido de apurar tudo isso... Tenho fontes para afirmar que ele foi assassinado por uma família de lá. Ele trabalhava para o Museu Nacional, para o Museu de Belém...

Jaguar - Para instituições européias também?

NUNES - Européias e americanas. Daí tinha dinheiro para as suas viagens. Tinha amigos como o Lowell, o grande antropólogo americano. Através de seu diário verificou-se também que era um grande pan-sexual. E o Curt comprometeu-se com uma filha de Ipanique, o tuchaua tucuna do Iga-

rapé da Rita. Disse que casaria e dormiria com ela. Mas no entanto beneficiou uma outra, prima dessa. Foi preso como nazista e o arrastaram de lá. Mas o índio leva isso muito a sério. Se você me prometer esse palito e não me der, se faltar com a sua palavra, é um homem morto. Pois o Curt não voltou para honrar o seu compromisso. Quando voltou, o mataram. Eu atribuo a isso. Essa é uma das hipóteses. Mas a principal hipótese é que uma família vizinha quis liquidá-lo. Por causa da sua presença, que desviava os índios do trabalho. Essa família era de seringalistas. Quando Nimuendaju chegava era como um movimento messiânico: todos os índios afluam para conversar com ele.

Jaguar - Esse diário Erótico era sobre o erotismo dele ou dos índios?

NUNES - Dele, através dos contatos com as índias. Ia registrando. E através das mulheres do povo nas cidades, por todos os lugares onde passava. Registrava os seus contatos sexuais, em toda parte, não só na região amazônica. Escrevia a respeito do comportamento das mulheres, do seu comportamento, do da família, do ambiente.

Jaguar - Como é que ele chegou a ter esse nome?

NUNES - Foi iniciado.

Jaguar - Ele era antropólogo?

NUNES - Não, Curt Unkel era como eu, não tinha título nenhum.

Jaguar - Mas qual era o seu interesse em vir estudar os índios?

NUNES - A vocação. O Brasil era um campo aberto pra ele. Para os europeus isso aqui é outro mundo.

Jaguar - Aliás, existe uma corrente de alemães fascinados pelo Brasil.

Sérgio - Desde Humboldt.

NUNES - Naturalmente, tinha lido sobre o Brasil e possuía algumas informações. O Yering, diretor do Museu do Ipiranga, encaminhou-o pra Atibaia, onde hoje existe o Posto Indígena Curt Nimuendaju. Lá ele começou a estudar a língua guarani. O guarani, em sua geografia, estende-se até São Paulo. Não é só no Paraguai. Escreveu uns manuscritos sobre o assunto e mandou para uma revista na Alemanha. (apanha um livro na estante: "Leyenda de la Creación y Juicio Final del Mundo". Este livro é resultado de uma pesquisa na região Apapobuva-Guarani. (entrega para Jaguar).

Jaguar - (lendo a dedicatória) - "Ao amigo Nunes Pereira, do autor, Curt Nimuendaju". Nimuendaju quer dizer o que?

NUNES - O que abre seu caminho, o que constrói a sua casa, o construtor.

Sérgio - Ele morreu com que idade?

NUNES - Podia ter seus setenta e tantos anos.

Jaguar - Foi um grande cientista?

NUNES - A meu ver foi o maior. Toda essa turma da antropologia atual não vale o Nimuendaju.

Jaguar - Nem o badaladíssimo Levi-Strauss?

NUNES - Mesmo o Levi-Strauss perde pra ele no que se refere ao Brasil. Nimuendaju estudou 180 e tantos idiomas indígenas. Fez contato com índios do Maranhão, da Bahia, do Pará, do Amazonas.

Jaguar - O índio brasileiro vai se extinguir?

NUNES - Ah, vai.

Jaguar - No pé que está, vai demorar quanto?

NUNES - No pé em que está é uma incompreensão terrível e um desrespeito. Os seringueiros e os madeiros mataram um bocado de índios. A penetração da Amazônia matou um bocado de índios. Agora a nossa civilização está lá com as pesquisas geológicas, a procura de minérios. A extinção dos índios é irreversível.

